

## Aulas 9 e 10 – Análise estrutural do mito

# 1. Claude Lévi-Strauss

(28/11/1908 – 30/10/2009)





1960

x

71

Termo do contrato  
do professor Claude  
Lévi-Strauss, para a  
Faculdade de Filoso-  
fia, Ciências e Letras.

Nos 20 dias do mez de março  
novecentos e trinta e cinco, na se-  
de do Estado da Educação e Saúde Pu-  
blica, em presença do Dr. Marcio Pereira  
Secretario da Educação e Saúde Pu-  
blica, compareceu o

## THE STRUCTURAL STUDY OF MYTH

By CLAUDE Lévi-STRAUSS

"It would seem that mythological worlds have been built up only to be shattered again, and that new worlds were built from the fragments."

Franz Boas, in Introduction to James Teit, *Traditions of the Thompson River Indians of British Columbia*, *Memories of the American Folklore Society*, VI (1898), 18.

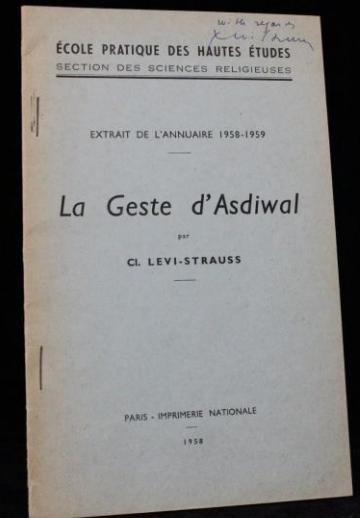
1.0. Despite some recent attempts to renew them, it would seem that during the past twenty years anthropology has more and more turned away from studies in the field of religion. At the same time, and precisely because professional anthropologists' interest has withdrawn from primitive religion, all kinds of amateurs who claim to belong to other disciplines have seized this opportunity to move in, thereby turning into their private playground what we had left as a wasteland. Thus, the prospects for the scientific study of religion have been undermined in two ways.

1.1. The explanation for that situation lies to some extent in the fact that the anthropological study of religion was started by men like Taylor, Frazer, and Durkheim who were psychologically oriented, although not in a position to keep up with the progress of psychological research and theory. Therefore, their interpretations soon became vitiated by the outmoded psychological approach which they used as their backing. Although they were undoubtedly right in giving their attention to intellectual processes, the way they handled them remained so coarse as to discredit them altogether. This is much to be regretted since, as Hocart so profoundly noticed in his introduction to a posthumous book recently published,<sup>1</sup> psychological interpretations were withdrawn from the intellectual field only to be introduced again in the field of affectivity, thus adding to "the inherent defects of the psychological school . . . the mistake of deriving clear-cut ideas . . . from vague emotions." Instead of trying to enlarge the framework of our logic to include processes which, whatever their apparent differences, belong to the same kind of intellectual operations, a naive attempt was made to reduce them to inarticulate emotional drives which resulted only in withering our studies.

1.2. Of all the chapters of religious anthropology probably none has tarried to the same extent as studies in the field of mythology. From a theoretical point of view the situation remains very much the same as it was fifty years ago, namely, a picture of chaos. Myths are still widely interpreted in conflicting ways: collective dreams, the outcome of a kind of esthetic play, the foundation of ritual. . . . Mythological figures are considered as personified abstractions, divinized heroes or decayed gods. Whatever the hypothesis, the choice amounts to reducing mythology either to an idle play or to a coarse kind of speculation.

1.3. In order to understand what a myth really is, are we compelled to choose between platitudes and explanations? Some claim that human societies merely express,

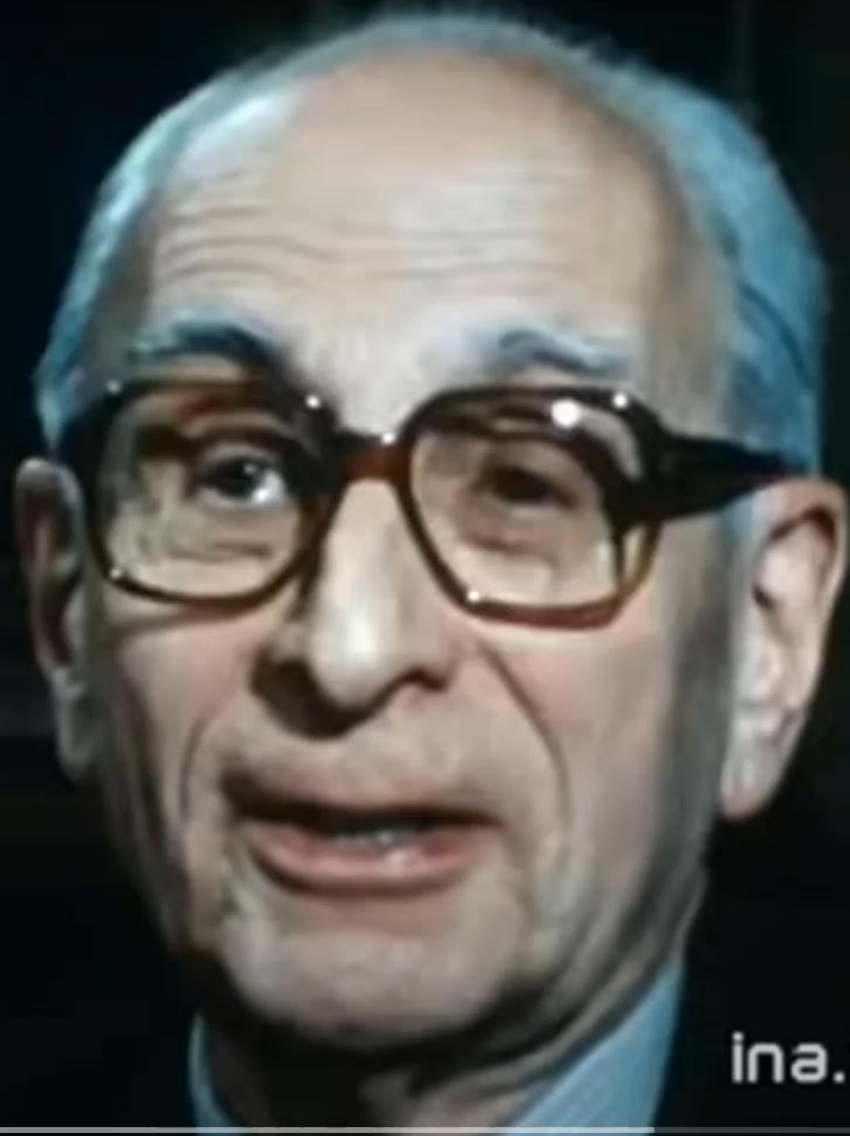
<sup>1</sup> A. M. Hocart, *Social Origins* (London, 1954), p. 2.



2. O que é um mito?

## 2.1. Dois vídeos

Apostrophes : Claude Lévi-Strauss définit les mythes | Archive INA



ina.fr

Play (k)



Um mito é uma história que busca dar conta ao mesmo tempo da origem das coisas – dos seres e do mundo –, do presente e do futuro, e que busca ao mesmo tempo, simultaneamente, tratar de problemas que nos pareceriam hoje, à luz de nosso pensamento científico, como totalmente heterogêneos, diferentes uns dos outros, tratá-los como se fossem um só problema e que admitiriam uma só resposta.

Um mito é, por exemplo, uma história que buscaria explicar ao mesmo tempo por que ocorre que o Sol esteja a uma boa distância da Terra, ao passo que ele poderia estar muito longe e então haveria uma noite eterna ou muito perto e então o mundo entraria em conflagração; e por que um homem deve buscar sua esposa a boa distância, não muito longe, porque então poderia ser uma estrangeira, uma inimiga e uma feiticeira, não muito perto, pois então ele se tornaria culpado do pecado do incesto; e por que, igualmente, as estações e os dias não se sucedem com toda a rapidez, mas de acordo com um ritmo regular; enfim, porque existe uma certa boa medida ao mesmo tempo na ordem cósmica, na ordem meteorológica, na ordem das estações e na ordem social.

Nós, com nossas preocupações científicas, que aprendemos com mapas que devemos dividir as dificuldades em tantas partes para resolvê-los, consideramos que são problemas totalmente diferentes e que devem ser postos cada um em sua própria perspectiva e resolvidos em seus próprios termos. O mito, ao contrário, busca colocá-los todos juntos e encontrar uma resposta única para problemas diferentes.

Extrait interview Levi Strauss 1972 qu'est ce qu'un mythe ?



ina.fr

Era efetivamente o problema que se tratava de tentar resolver. Por que, há milênios, e provavelmente centenas de milênios, e talvez ainda antes, pois os paleontólogos nos ensinam que o passado da espécie é muito mais distante do que não pensávamos anteriormente, por que os homens consagraram tal parte de seu tempo a inventar, a repetir e a escutar com deleite histórias que não têm nem pé nem cabeça?

Provavelmente, porque elas lhes forneciam – e eu usarei aqui um termo de que eu me vali – “esquemas”, princípios reguladores, e, tentando justamente desmontar os mitos como poderíamos desmontar os mecanismos de relojoaria, compreender como eles são feitos, vemos que há uma semelhança e uma diferença entre o pensamento mítico e o pensamento científico.

A semelhança é que, como a ciência, o mito busca explicar; a diferença é que, em vez de tentar explicar, se eu posso assim dizer, ponto a ponto, como faz a ciência, que recorre a certos tipos de explicação na ordem física, certos tipos de explicação na ordem biológica e outros ainda, na ordem psicológica, e assim por diante, bem, o mito é um tipo de explicação que busca explicar tudo de uma só vez, que busca pôr em evidência “esquemas” de articulação que buscam dar conta da totalidade da experiência de uma sociedade, desde suas relações com o mundo – e quando eu digo “o mundo”, eu quero dizer o céu estrelado acima de nós e as plantas que crescem, os animais que vivem, o clima que reina e assim por diante – e a própria ordem social, tal como a sociedade a concebe, tal como ela a vive e tal como ela a criou.

EM SUMA, quatro dimensões do mito:

- (1) dimensão **universal**;
- (2) dimensão **etiológica**;
- (3) dimensão **totalizante**;
- (4) dimensão **coletiva**.



## 2.2. Algumas definições do mito

“A substância do mito não se encontra nem no estilo nem no modo de narração nem na sintaxe, mas na história que nele se conta.” (*Mythologiques IV*, p. 376.)

“[O mito serve] para explicar por que, diferentes a princípio, as coisas se tornaram tais como elas são e por que elas não podem ser diferentes.” (*De près et de loin*, p. 196.)

“Todo mito deve, em última instância, ter sua origem em uma criação individual. Isso é sem dúvida verdade, mas, para passar ao estatuto de mito, é preciso justamente que uma criação não permaneça individual.” (*Mythologiques IV*, p. 560.)

“Um mito sempre se refere a eventos passados, ‘antes da criação do mundo’ ou ‘nos primórdios’ – em todo caso, ‘há muito tempo’. Mas o valor intrínseco a ele atribuído provém do fato de os eventos que se supõe ocorrer num momento do tempo também formarem uma estrutura permanente, que se refere simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro.” (A estrutura dos mitos, p. 224)

“Lévi-Strauss geralmente define o mito como uma narrativa estruturada em episódios, contada em ocasiões particulares, amiúde sagradas, e reproduzida por meio dos diferentes relatos feitos dela, sem que sua estrutura geral se decomponha. Um mito, portanto, não é uma narrativa particular, anotada num dado momento do tempo por um etnógrafo, porém o conjunto das variações da mesma narrativa cuja estrutura se evidencia ao etnólogo que as compara.”

(F. KECK. *Introdução a Lévi-Strauss*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 143.)

### 3. Os componentes do mito

1. A armadura (ou a estrutura transversal dos códigos)
2. Os códigos
3. Os eixos (ou a estrutura do código)
  
4. Os mitemas
5. Os esquemas (e as sequências)
6. A mensagem = o sentido patente (função etiológica)  
= o sentido latente (função semântica)

(segundo: M. GODELIER. *Lévi-Strauss*. Paris: Seuil, 2013, p. 380, completado.)

## MITEMA

“Como proceder para reconhecer e isolar essas grandes unidades constitutivas ou mitemas? Sabemos que elas não são assimiláveis nem aos fonemas, nem aos morfemas, nem aos semantemas, situam-se num nível mais elevado. [...] Portanto, será preciso buscá-las no nível da frase. [...] Em outras palavras, cada grande unidade constitutiva tem a natureza de uma relação.” (A estrutura dos mitos, p. 226.)

“Se respeitarmos essa diferença entre a língua e o mito, poderemos então aplicar a este as lições da linguística e buscar unidades elementares desprovidas de sentido, cuja combinação produz o sentido do mito. Trata-se do que Lévi-Strauss chama de *mitemas* pacotes de relações entre elementos significantes que produzem frases em si desprovidas de sentido. A frase ‘Sol e Lua são dois irmãos’ é um mitema: logo se vê que seria absurdo reduzi-la a um sentido natural (segundo o qual ela exprimiria a estrutura dos astros) ou a um sentido cultural (segundo o qual ela refletiria a estrutura familiar), visto que ela liga esses dois sentidos, ainda que com isso produza o contrassenso.”

(F. KECK. *Introdução a Lévi-Strauss*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 146.)



## ESQUEMA (E SEQUÊNCIA)

“As sequências são o conteúdo aparente do mito, os eventos que se sucedem em ordem cronológica: encontro das duas mulheres, intervenção do protetor sobrenatural, nascimento de Asdiwal, sua infância, sua visita ao céu, seus casamentos sucessivos, suas expedições de caça e pesca, seus conflitos com os cunhados, etc.

“Porém, em planos de profundidades variadas, as sequências são organizadas em função de esquemas superpostos e simultâneos; como uma melodia, escrita para várias vozes, sujeita-se a um duplo determinismo: o de sua própria linha, horizontal, e o dos esquemas contrapontísticos, vertical..” (A gesta de Asdiwal, p. 185)

## MENSAGEM

“*mensagem* [é] o conteúdo de um mito particular.” (*Mythologiques I*, p. 205)

## ARMADURA-CÓDIGO-MENSAGEM

“Convenhamos chamar *armadura* um conjunto de propriedades que permanecem invariantes em dois ou mais mitos; *código* o sistema de funções atribuídas por cada mito a essas propriedades; *mensagem* o conteúdo de um mito particular.” (*Mythologiques I*, p. 205)

“As mensagens são transmitidas por meio de códigos. Estes consistem, por sua vez, em uma gramática e em um léxico. Nossa análise permitiu estabelecer que a armadura gramatical desses códigos é invariante para todos os mitos considerados. Mas não é assim nem para as mensagens nem para os léxicos. Comparada às de outros mitos, a mensagem de um mito qualquer pode aparecer seja mais ou menos transformada, seja idêntica. Mas essas diferenças também afetam os léxicos.” (*Mythologiques I*, p. 218)

## CÓDIGO

“[Os códigos] fornecem léxicos diferentes na emissão das mensagens. A escolha de um código é, portanto, escolha de uma ‘língua’, ela mesma regida por uma sintaxe própria. A natureza e o número dos códigos presentes nos mitos determinam seu *campo semântico*, e cada mito pode ser definido pelo itinerário que ele percorre através do campo semântico engendrado pelos códigos que ele utiliza.” (M. GODELIER. *Lévi-Strauss*. Paris: Seuil, 2013, p. 385.)

“Depois, como adolescente, eu passei uma boa parte do meu tempo livre desenhando figurinos e cenários para óperas. O problema lá é exatamente o mesmo – tentar expressar em uma língua, isto é, a língua das artes gráficas e da pintura, algo que também existe na música e no libreto; isto é, tentar alcançar a propriedade invariante de um conjunto muito complexo de códigos (o código musical, o código literário, o código artístico). O problema é encontrar o que é comum a todos eles. É um problema, se poderia dizer, de tradução, de traduzir o que está expresso em uma linguagem – ou um código, se preferir, mas linguagem basta – em uma expressão em outra linguagem.”

(C. LÉVI-STRAUSS, *Myth and meaning*, p. 8-9.)

<https://www.youtube.com/watch?v=olZTKM6mIpg>



[https://www.youtube.com/watch?v=k\\_KupwtGEQ8](https://www.youtube.com/watch?v=k_KupwtGEQ8)



# OS CÓDIGOS DAS MITOLÓGICAS

1. Os códigos sensoriais, atinentes aos cinco sentidos: código visual (por exemplo: visível/invisível), olfativo (cheiroso, malcheiroso), gustativo (doce/amargo), acústico (agudo/grave), táctil (liso, áspero), etc.
2. Sociológico: consanguíneos/aliados, homens livres/escravos, parceiros/rivais, endogamia/exogamia, etc.
3. Tecno-econômico: caça/pesca, etc.
4. Culinário: cru/cozido, açucarado/salgado, etc.
5. Alimentar: comer com barulho/silenciosamente, etc.
6. Sexual: homem/mulher
7. Anatômico: pênis/vagina, etc.
8. De vestimentas: nu/vestido, etc.
9. Estético: belo/feio, etc.
10. Astronômico: Sol/Lua, celeste/terrestre, etc.
11. Meteorológico: estação seca/estação de chuvas, etc.
12. Geológico: terra/mar, montanha/planície, etc.
13. Botânico: plantas selvagens/plantas cultivadas, etc.
14. Zoológico: urso grizzly/urso negro, coiole/raposa, etc.
15. Ético: moral/imoral, justo/injusto, virtuoso/vicioso, etc.
16. Linguístico: sentido próximo/sentido figurado, etc.

(segundo: M. GODELIER. *Lévi-Strauss*. Paris: Seuil, 2013, p. 384)



## EIXO

“Os códigos desenvolvem suas mensagens em eixos diferentes, e é nesses eixos que se distribuem as transformações que permitem passar de uma variante de um mito a outra.” (M. GODELIER. *Lévi-Strauss*. Paris: Seuil, 2013, p. 386.)

“É preciso confessar que, nos primeiros estágios da pesquisa, a escolha e a definição dos eixos nos quais situar as oposições, a escolha e a definição dos códigos aos quais elas se aplicam... oferecem um caráter impressionista.” (*Histoire de lynx*, p. 249-250)

## ARMADURA

“o conjunto de propriedades que permanecem invariáveis em um ou mais mitos.” (*Mythologiques I*, p. 205)

“A armadura de um mito é... constituída por uma série de oposições (em geral, binárias), qualquer que seja a natureza dessas oposições. Mitos podem ser aproximados e comparados precisamente porque a análise revela que sua armadura se assenta em oposições comuns.” (M. GODELIER. *Lévi-Strauss*. Paris: Seuil, 2013, p. 383.)

## PARA ALÉM DE *ASDIWAL*: A AVENTURA DAS MITOLÓGICAS

“Se retomamos o conjunto desse percurso em *Mitológicas*, ficamos impressionados com a analogia entre os diferentes níveis de atividade lógica analisados por Lévi-Strauss e a arquitetura transcendental constituída por Kant na *Crítica da razão pura*. Realmente, trata-se, para Lévi-Strauss, de situar o conjunto das categorias lógicas pelas quais o espírito humano percebe o real, necessariamente em função de suas tarefas, numa espécie de ‘kantismo sem sujeito transcendental’. A análise estrutural parte de um mito que é insignificante em si, ‘intuição sem conceito’, para destacar **uma lógica das qualidades sensíveis**, seguida por **uma lógica das relações**, depois por **uma lógica das proposições**, até atingir **um nível de abstração superior** (o que Kant chama de apercepção transcendental), em que a totalidade do continente americano – e talvez além dele, pois Lévi-Strauss supõe que, pelo estreito de Bering, a análise estrutural dos mitos poderia voltar ao coração da Ásia central, berço da humanidade – se faz ver no conjunto de suas formas lógicas.”

(F. KECK. *Introdução a Lévi-Strauss*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 152-153.)

# As etapas da análise estrutural dos mitos

1. Constituição de um dossiê etnográfico e histórico
2. Análise formal (identificação dos códigos e estrutura da mensagem)
3. Análise semântica

(segundo: M. GODELIER. *Lévi-Strauss*. Paris: Seuil, 2013, p. 381, completado.)

Cadmo procura sua  
irmã Europa, raptada  
por Zeus

Cadmo mata  
o dragão

os Espartoi se  
exterminam uns  
aos outros

Lábdaco (pai de  
Laio) = "manco" (?)

Édipo mata seu  
pai, Laio

Laio (pai de Édipo)  
= "desajeitado" (?)

Édipo imola  
a Esfinge

Édipo = "pé  
inchado" (?)

Édipo se casa com  
Jocasta, sua mãe

Etéocles mata seu  
irmão, Polínice

Antígona enterra  
Polínice, seu irmão,  
desrespeitando a  
proibição

(A estrutura dos mitos, p. 230.)

“Qual seria, então, o significado do mito de Édipo assim interpretado ‘à americana’? Ele exprimiria a impossibilidade na qual se encontra uma sociedade que professa acreditar na autoctonia do homem [...] de passar dessa teoria para o reconhecimento do fato de que cada um de nós na verdade nasceu da união de um homem e de uma mulher. A dificuldade é intransponível. Mas o mito de Édipo oferece uma espécie de instrumento lógico que permite lançar uma ponte entre o problema inicial – nasce-se de um ou de dois? – e o problema derivado, que pode ser aproximadamente formulado assim: o mesmo nasce do mesmo, ou do outro?”

(A estrutura dos mitos, p. 233).

#### 4. A fórmula canônica do mito

$$F_x(a) : F_y(b) \approx F_x(b) : F_{a^{-1}}(y)$$